



**Discurso do presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na
cerimônia de abertura da II Conferência Mundial do Café**

Salvador-BA, 24 de setembro de 2005

Excelentíssimo senhor Álvaro Uribe, presidente da Colômbia,
Senhor Paulo Souto, governador do Estado da Bahia,
Senhor Nestor Osorio, diretor-executivo da Organização Internacional do
Café,

Ministros de meu governo que estão participando deste evento,

Meu caro prefeito João Henrique,

Meu caro Presidente da Assembléia,

Ministros dos países produtores e consumidores, que estão participando
deste Encontro,

Deputados federais,

Deputados estaduais,

Delegados e delegadas desta II Conferência Mundial do Café,

Embaixadores aqui presentes,

Jornalistas,

Depois eu falarei do convite do presidente Uribe, no final. É uma dupla
alegria estar na bela e histórica cidade de Salvador e, ao mesmo tempo,
receber o mundo do café na Segunda Conferência Mundial promovida pelo
Brasil em parceria com a Organização Internacional do Café.

A presença de chefes de Estado, ministros, representantes de governos,
da política, da indústria, da agricultura e da comunidade acadêmica, confirma a
relevância econômica e a oportunidade estratégica deste extraordinário



Encontro.

Devo confessar que o tema café não me motiva apenas como Chefe de Estado. Sou um confesso e contumaz apreciador dessa bebida reconfortante, que se incorporou à cultura brasileira como símbolo indissociável da hospitalidade e da cordialidade do povo brasileiro.

Todos sabem que não há uma casa, por mais pobre que seja, um brasileiro ou uma brasileira, que não nos ofereça um cafezinho a qualquer hora que chegarmos: de dia, de madrugada ou à noite. O cafezinho está para o Brasil assim como a cerimônia do chá para o Japão.

Não há exagero em dizer que o Brasil só amanhece depois que o aroma do café invade nossos lares e aguça nossos sentidos. Aqui, o cafezinho coroa desde as refeições mais humildes até as mesas mais fartas; sela amizades; festeja encontros; repõe a energia do corpo e ainda tempera as nossas emoções.

Não por acaso somos o maior produtor mundial do grão e caminhamos, também, para conquistar o posto, hoje ocupado pelos Estados Unidos, de maior consumidor de café do planeta.

Em nome do café, do Senhor do Bonfim, que abençoa esta cidade, e do povo brasileiro, eu quero dar as boas-vindas a todos que vieram de outros estados brasileiros mas, sobretudo, boas-vindas àqueles que atravessaram oceanos para chegar a este Encontro.

Tenho a certeza de que expresso aqui, também, o sentimento do governo da Bahia e da Prefeitura de Salvador, que tudo fizeram para que a cidade lhes proporcionasse a acolhida dispensada aos seus hóspedes mais ilustres.

Minhas senhoras e meus senhores,

Este é o momento estratégico para discutir o futuro da bebida mais popular do mundo. Vivemos uma travessia em busca de um maior alinhamento mundial entre a oferta e a demanda, que assegura um novo ciclo de



recuperação dos preços. Não podemos, todavia, nos iludir. O desequilíbrio estrutural do mercado se arrasta por quase um século. Uma nova dinâmica favorável aos produtores somente irá se consolidar quando forem corrigidas as assimetrias internas de um negócio que movimenta mais de 90 bilhões de dólares por ano.

O café é a segunda mais importante commodity do planeta, atrás apenas do petróleo. Ele tem, porém, uma grande diferença em relação ao combustível: sua produção agrega um imenso contingente de pequenos agricultores concentrados, justamente, nas economias que lutam pelo direito do desenvolvimento.

Setenta por cento do café colhido no mundo vem de propriedades com menos de 10 hectares. Elas estão espalhadas por 60 países e reúnem mais de 25 milhões de pessoas na ampla faixa tropical e subtropical do globo. Ou seja, a produção se concentra onde o século XXI assistirá ao êxito ou ao fracasso da luta contra a fome e a pobreza.

Mais do que o desafio de uma lavoura, portanto, a reordenação do mercado internacional do café é um capítulo da luta por um comércio mundial mais justo. Para muitas nações representadas aqui a reordenação desse mercado pode significar a diferença entre a dignidade e a miséria de boa parte do seu povo.

Em Uganda, segundo o Banco Mundial, o café é a principal fonte de sobrevivência para mais de 25% da população; na Etiópia, contribui com 54% da receita das exportações; em Ruanda, assegura 31% das divisas do país; na Índia, emprega 3 milhões de trabalhadores; no México, congrega 280 mil das famílias mais pobres do estado de Chiapas, Vera Cruz e Puebla; na Colômbia, são exatamente as regiões cafeicultoras mais prósperas as que se mostram menos vulneráveis a conflitos violentos.

Dirigentes de entidades de agricultores familiares de muitos desses países se encontraram esta semana aqui em Salvador, em um evento paralelo



que conta com a participação da Confederação Nacional dos Trabalhadores na Agricultura, que representa os nossos agricultores familiares. Esses pequenos produtores que tiram do café o sustento de suas famílias são responsáveis por 54% de nossa produção cafeeira.

Ao todo, no Brasil, a cadeia do café garante uma receita nacional de 2 bilhões de dólares e ocupa 8,4 milhões de pessoas. Nossos cafezais estendem-se por 2 milhões e 700 mil hectares, divididos entre 300 mil produtores de 1.900 municípios, em 14 estados da Federação.

A esses produtores, independentemente de seu porte, não tem faltado apoio do nosso governo. Nossa política para a cafeicultura já liberou 1 bilhão e 250 milhões de reais para o financiamento, o custeio e a comercialização do café em 2005. Esse apoio será mantido em 2006, de forma que os cafeicultores não fiquem à mercê das urgências, do sobe e desce das bolsas, conseguindo com isso negociar seu produto pelos preços mais justos.

Minhas senhoras e meus senhores,

Como o mercado não remunera adequadamente todos os anos essa imensa corrente do café, uma engrenagem silenciosa se põe em movimento em diferentes partes do planeta e arrasta milhões de pessoas para um nível de pobreza e desigualdade sufocantes.

Migrações, inchaço urbano, fome e desagregação familiar: eis a contrapartida da apropriação desigual dos lucros na cadeia de um dos produtos mais rentáveis do mercado mundial de alimentos. O desafio sobre o qual devemos nos debruçar nesta Conferência é, ao meu ver, colocar a imensa energia dessa cadeia a favor da sociedade criada pelo café.

Trata-se de ter os olhos postos no futuro sustentável, não apenas na próxima florada, que saúda as primeiras chuvas com o delicado aroma do cafezal em flor, mas sim nos anos que permeiam as grandes transformações sociais. Assim como o cultivo do café, uma política para o café deve se pautar pela estabilidade de longo prazo. Nós sabemos, porém, que soluções



duradouras só prosperam quando todos os olhos de um negócio se fortalecem simultaneamente. Não é o que tem acontecido atualmente.

Há dez anos, os países produtores ficavam com 1/3 da renda gerada no comércio mundial do café, cerca de 10 bilhões de dólares num mercado que movimentava cerca de 30 bilhões de dólares. Hoje, essa participação caiu para menos de 9 bilhões de dólares, num mercado que passou a movimentar 90 bilhões de dólares por ano.

A queda na receita dos cafeicultores foi a maior deste período, se comparada à que houve com todas as outras commodities. Pouca dúvida pode haver de que tal desequilíbrio ampliou o fosso da desigualdade entre as nações.

A advertência é da própria Secretaria-Geral das Nações Unidas que enxerga no declínio dos preços pagos aos produtores uma dificuldade importante e o obstáculo para o êxito das Metas do Milênio. A corrida de todos contra todos, em busca da mesma porta de saída, levou ao aumento irrefletido da oferta nas últimas décadas. Não foi a resposta adequada ao colapso do Acordo Internacional do Café, que desregulou o mercado a partir de 1989. Hoje, os produtores recebem menos de 1% do preço cobrado por uma xícara de café nos grandes países importadores.

Meus amigos e minhas amigas,

Entre o fracasso dos mercados administrados e a autofagia da disputa cega registrada nos últimos anos, não há alternativa fácil. A busca de respostas, porém, passa por uma pergunta que não pode calar: para onde estão indo os lucros do café?

Parte da explicação está na armadilha das trocas desiguais, conhecida pelos países pobres desde o período colonialista. Ainda persiste, hoje, um desacordo profundo entre as regras que orientam o comércio mundial em pleno século XXI e as necessidades de emancipação econômica e política da maioria dos povos em desenvolvimento, boa parte dos quais têm no café um dos seus



esteios econômicos.

Quem planta ganha pouco, quem processa lucra muito. E as barreiras tarifárias impedem que os produtores participem, em igualdade de condições, do mercado final do produto, em pó e solúvel, vendido nos países ricos.

Não haverá solução duradoura para este problema se não houver um novo pacto de equilíbrio entre os diferentes interesses da cadeia do café. Trata-se de construir as bases políticas para uma partilha de lucros mais justa, uma oferta coordenada com a demanda e um esforço de promoção social e tecnologia de milhões de agricultores que assegure, de fato, uma melhor qualidade para o produto e para a vida de quem produz.

Não serve a este fim a lógica de uma desregulação unilateral. Quem diz “livre comércio” deve dizer, também, “suspensão de barreiras comerciais e de subsídios milionários” e deve lutar pelo fim de assimetrias financeiras importantes.

No Brasil, e creio que em muitos outros países, o café é uma lavoura pedagógica. Ele ajuda a entender o nosso passado e encerra lições das conquistas acumuladas no nosso presente.

Ao meu ver, está na hora. E esta Conferência é uma oportunidade ímpar para esse passo de tornar o café um componente do futuro. O futuro, como entendemos, somente será futuro se for melhor para todos, e não apenas um abrigo para os privilégios do passado.

A todos os senhores e senhoras, que vieram de longe, volto a estender meu abraço de boas-vindas. Tenho certeza de que não faltará, aqui na Bahia, o indispensável cafezinho brasileiro para dar força aos trabalhos e coroar o êxito desta Conferência.

Muito obrigado.

Na verdade, na verdade, recebi um convite do presidente Uribe, pela tribuna e eu vou ter que responder pela tribuna, sem ter uma data para dizer quando eu vou à Colômbia. Eu só quero dizer ao presidente Uribe que o meu



desejo é ir à Colômbia este ano e obviamente, no mais tardar, até o começo de dezembro. Eu tenho que definir porque já fui três vezes à Colômbia, mas todas as viagens muito corridas, muito rápidas e uma delas foi em Cartagena para participar de um encontro do café, mas eu pretendo ir à Colômbia por uma razão simples. Eu quero explicar isso em público.

Como vocês sabem, o café é um produto de países pobres, somente os países tropicais é que produzem café. Na maioria, países em situações como o Brasil, ou até mais pobres do que o Brasil. Em alguns países, inclusive, o café é a base principal das exportações e da geração de empregos. Ao mesmo tempo, os consumidores são os nossos irmãos mais ricos – Europa, os Estados Unidos e o Japão, apenas para citar alguns exemplos.

O que é grave e que em algum momento nós vamos ter que decidir é que, na América do Sul, na América Latina, tem vários produtores de café, países sobretudo pequenos. Na África, países pequenos, em alguma parte dos países asiáticos, países também na Índia e eu queria dizer a vocês que, muita coisa depende do tipo de força política e de organização que nós tivermos.

Porque veja, quando nós exportamos uma saca de café de 60 quilos, nós ganhamos um pouquinho de dólares para a nossa balança comercial, mas quando nós importamos um chip, por menor que ele seja, nós mandamos para fora mais dólares do que recebemos por uma saca de café. Ora, por uma razão muito simples: os países ricos estão mais organizados e eles determinam as regras do comércio internacional para que, sempre que possível, eles saiam ganhando.

Não estou criticando não, faz parte da lógica da negociação para o mundo do trabalho, para o mundo da agricultura e para o mundo dos negócios, quem tem mais força, quem tem mais poder econômico, sempre vai fazer pressão para ganhar um pouco mais. Mas eu penso que está na hora de nós começarmos a refletir se nós, países produtores, não temos que comprar uma boa demanda, para não dizer uma boa briga. Uma boa demanda.



Primeiro, nós temos que colocar valor agregado nos nossos produtos, nós não podemos ser exportadores de café em grão apenas, ou seja, é preciso que a gente aprenda a colocar valor agregado.

Segundo, nós temos que estabelecer no elo da cadeia produtiva acordos que possam permitir uma discussão mais justa da fatia que vai ficar para cada um no produto final, ou seja, não é possível que países que não produzem um grão de café ganhem mais dinheiro com o café do que os países que produzem o café.

Isso só existe porque, de certa forma, nós também, durante muito tempo, ficamos passivos diante dessa situação. Muitas vezes, cada país tentando agir sozinho, muitas vezes, cada produtor tentando agir sozinho, e nesse mundo globalizado não existe mais espaço para saídas individuais, não existe mais espaço se nós não criarmos entre nós as condições objetivas para valorizar o que nós produzimos. Ou seja, nós não somos mais colonizados, nós não temos mais que mandar os nossos produtos para o país que nos colonizou. Nós vivemos num mundo livre em que se endeusa todo dia o livre mercado, o livre preço, portanto, cabe a nós criarmos as condições de valorizar o que nós produzimos, eu quero dizer aos produtores que estão aqui.

Ou seja, nós não podemos permitir que sejamos vítimas porque produzimos um pouco mais. Nós não podemos... Ou seja, é preciso que os países consumidores compreendam a necessidade de se sentar em torno de uma mesa e estabelecer uma negociação em que o preço seja partilhado, para que o que transforma esse café ganhe dinheiro, mas aquele que cava o chão da terra para plantar a muda do café também possa ganhar dinheiro para sobreviver.

É até uma lógica que os países ricos já aprenderam e que colocam em prática no seu cotidiano. O presidente Uribe e eu somos amigos de muitos presidentes de países importantes do mundo – e somos amigos –, mas quando falamos de preço agrícola, a amizade fica jogada num canto. Porque o que



vale, na verdade, é a defesa dos interesses nacionais de cada país. O que vale é a defesa dos interesses políticos de cada país, e o que vale é a defesa dos interesses dos agricultores de cada país.

Por que nós não agimos assim? Depende somente de nós. Não estou dizendo que seja fácil, porque quem participa de negociação internacional na Organização do Comércio sabe o quanto é duro a gente levar uma vantagem, por menor que ela seja. É duro porque nós somos desunidos. É duro porque, muitas vezes, vamos lá e votamos nos nossos adversários comerciais. É duro porque cada um de nós acha que quem melhor agradar ao rei vai ser beneficiado individualmente, e não existe mais isso no mundo globalizado. Ou nós fazemos valer aquilo que nós temos, que são as condições favoráveis para plantar café e o fato de sermos os maiores produtores de café – os maiores estão aqui –, que nós temos que fazer valer, pelo menos, o respeito à dignidade de quem sobrevive trabalhando dia e noite para plantar e colher o café.

Quero agradecer as palavras gentis do presidente Uribe e dizer ao presidente Uribe que se Deus quiser nós vamos concretizar um sonho. Primeiro, da integração física da América do Sul. E estou devendo, é verdade, uma reunião com muitos empresários brasileiros, com muitos empresários colombianos, para que a gente possa estabelecer parcerias, para que empresários colombianos e brasileiros possam se juntar e discutir o que produzir.

Sobretudo, Presidente, eu quero discutir com Vossa Excelência a questão do biodiesel. Porque eu acho que o biodiesel estará, num futuro muito próximo, para os países pobres, como está o petróleo, hoje, para os países do Oriente Médio, e como está o álcool para o Brasil hoje. Eu acho que o biodiesel pode ser uma saída para o desenvolvimento dos países mais pobres do planeta, sobretudo os países da nossa América Latina e os países africanos.



Então, pode ficar certo que ainda este ano eu estarei visitando a sua Bogotá.

Um grande abraço e boa sorte.